

Afetos, corpos e olhares: dois exercícios em torno de novas dinâmicas subjetivas nas culturas jovens contemporâneas

Maria Isabel Mendes de Almeida

O cenário atual das culturas jovens dos setores médios urbanos de nossa sociedade e sua associação com o consumo de substâncias sintéticas em festas de música eletrônica, vem se convertendo em relevante foco de observação para o acompanhamento de mudanças significativas no plano da subjetividade, das formas de organização da sociabilidade e seus regimes de administração dos afetos, das emoções e das visões de mundo aí compreendidas. Seguindo as pegadas de um espírito de época mais abrangente, que se faz acompanhar pelo deslocamento, imprecisão e mobilidade permanentes de valores, crenças e sentidos de verdade, tal cenário vem depositando sobre o sujeito, a necessidade de tomada de decisões, formulações de escolhas e construções de traçados sobre seus destinos. Esta vem se configurando, portanto, como uma realidade de transformações vertiginosas que tem como característica central a exigência de um esforço de reflexão teórica que é simultâneo à emergência e ao impacto cruciais de tais transformações.

A presente reflexão, uma vez que está fortemente atrelada às circunstâncias de mobilidade intensas verificadas no âmbito das culturas jovens contemporâneas, não pode se dissociar do impacto crucial gerado pelas novas possibilidades comunicacionais e midiáticas. Estas possibilidades manifestam-se, fundamentalmente, através do uso maciço dos aparelhos celulares e da Internet. A combinatória resultante, portanto, de dimensões tais como espacialidade, tecnologias comunicacionais e subjetividade vem sendo capaz de produzir e alterar cenários comportamentais e topografias urbanas que merecem ser aqui aprofundadas. Itinerância e mídia configuram, por conseguinte, uma relação capaz de inscrever-se como espécie de pano de fundo norteador de nosso argumento na presente análise.

As culturas jovens urbanas vêm se constituindo nosso objeto de investigação, desde o início desta década. A primeira incursão realizada sobre este universo procurou debruçar-se sobre a estreita relação estabelecida entre subjetividade e espacialidade. Tal relação levou-nos à análise do fenômeno recente

de transformação da “noite” em uma categoria fundamentalmente espacial, onde grupos de jovens da classe média do Rio de Janeiro fazem do deslocamento e da circulação fins em si, levando-nos a aprofundar as implicações da entrada em cena de um novo nomadismo contemporâneo.

Esta pesquisa concentrou-se, portanto, no segmento do universo jovem *mainstream* que frequenta a *night*. A faixa etária dos nossos informantes oscilou, em 95% dos casos, entre 15 e 19 anos e coincidiu, em termos ocupacionais, com o curso secundário e os primeiros anos da formação universitária. É interessante notar que os jovens menores de 18 anos estão legalmente proibidos de ingressar nos eventos e lugares que compõem o circuito regular da *night*. Isto não quer dizer, porém, que este segmento esteja menos inserido nesse universo. Ao contrário, um dos aspectos que mais chamaram a nossa atenção durante a pesquisa foi justamente o fato de que, quanto mais jovens, maior seu grau de envolvimento e adesão, o que fica especialmente evidente no caso das *matinês*.

Inscrita, então, nesse novo registro, a noite transforma-se em um circuito que passa por distintos lugares, tais como festas, boates, *shoppings*, cinemas, lojas de conveniência e lanchonetes situadas nos postos de gasolina abertos durante toda a madrugada. Este mapa noturno compreende, também, fragmentos inusitados do espaço urbano como as “portas” dos lugares ou eventos da moda, bem como escadarias, trechos de ruas e “ilhas de cimento” estrategicamente situados nas vias de circulação da cidade. Quando inseridos no circuito da diversão, esses locais são redimensionados, tanto em suas funções, quanto em seus significados.

A mobilidade tornou-se, assim, o traço distintivo da ocupação noturna da cidade. Conseqüentemente, a *night* – para utilizar a expressão nativa – só pode ser adequadamente construída como objeto de reflexão quando compreendida como uma rede de trajetórias simultâneas. Tal conjunto de práticas comportamentais e discursivas está produzindo a noite carioca como uma espacialidade dinâmica na qual a aglutinação em torno de lugares específicos tem sido substituída por modos diversos de circulação. Esses novos regimes de experiência, além de subverterem as coordenadas do espaço urbano, geram processos subjetivos e identitários inusitados.

O atual recorte analítico que estamos desenvolvendo junto às culturas jovens vem se realizando em torno de um segmento de frequentadores de *raves*, clubes, festas e festivais de música eletrônica. Tal opção de lazer, de modalidade, de sociabilidade e de agregação entre jovens vem se configurando como importante

índice de transformação das relações entre tempo e espaço, assim como daquelas entre formações subjetivas e suas articulações com novas acepções (relativas aos usos) e significados do corpo e sua interação com as cenas eletrônicas e as substâncias sintéticas (Almeida & Eugenio, 2004). Além desses aspectos, chama atenção nos dias de hoje a significativa representatividade numérica dos jovens participantes dessas festas de música eletrônica. Algo em torno de 60 mil jovens estiveram presentes, por exemplo, na quinta edição do Festival *Skol Beats* de música eletrônica, realizado em São Paulo, em abril de 2005. Além de eventos como este, temos igualmente podido acompanhar números maciços de jovens cuja afluência às festas *rave* tem girado em torno de uma média de duas a três mil pessoas.

Esta pesquisa, que vem sendo realizada ao longo dos dois últimos anos, inclui uma amostra de jovens de classe média do Rio de Janeiro, cuja idade média varia em torno do que se convencionou chamar dos *twenties something*. Ou, seja, uma escala etária inscrita em um certo padrão de autodefinição, que trafega em torno de imprecisões estatísticas traçadas na faixa que vai dos 20 aos 30 anos. A formatação de valores, padrões de conduta, estilos de vida e opções existenciais do grupo em questão, estarão aqui subsumidos pelo universo mais amplo de suas adesões a um *ethos* jovem que opera como uma espécie de frouxo amálgama.

Trata-se, aqui, de jovens *tranceiros* – cuja eleição preferencial de lazer e consumo vem se construindo em torno do *trance* e de uma “retomada” atualizada da estética *hippie* –, e daqueles que se autodefinem como *modernos* – cuja marca identitária procura distinguir-se de um repertório de atitudes geralmente classificado como *mainstream*. Ambos os grupos têm na música eletrônica uma referência eletiva fortemente significativa. *Tranceiros* e *modernos* diferenciam-se quanto às formas de apresentação de si, mas não no que se refere às modalidades de gerenciamento subjetivo frente às experiências e à dinâmica com o universo das substâncias sintéticas e da música eletrônica.

Os clubes e festas de música eletrônica, em sua maioria situados na Zona Sul do Rio de Janeiro, inscrevem-se como o *setting* dominante de diversão dos *modernos*. Existem variações e múltiplas combinatórias estéticas neste circuito substâncias cenas, onde a fiscalização e o escrutínio dos olhares convergem para uma espécie de filtragem da adequação das pessoas ao ambiente. Corpos se ajustam à decoração do ambiente, funcionando como peças-chave do mesmo e se distribuem entre velas espalhadas pelo chão, móveis e adornos metálicos, em alguns casos bancos de madeira importados de Bali, bares brancos e cromados,

se deixam atravessar pelo jogo de luzes coloridas nas pistas e pela imprevisibilidade das batidas eletrônicas.

A amostra de jovens pertencente ao chamado universo *mainstream* das “noites nômades” e aquela que vem engrossando as fileiras do circuito “substâncias+cenas” configuram uma espécie de grande contínuo geracional que se estende aproximadamente dos 15 aos quase 30 anos de idade. Este recorte nos permite estabelecer linhas de continuidade e de descontinuidade sobre uma gramática da afetividade e da sexualidade que está em jogo neste universo, produzindo efeitos e marcando trajetórias e dinâmicas subjetivas, que justificam uma atenta reflexão comparativa.

A intenção do presente ensaio é procurar refletir sobre algumas linhas diferenciadas de abordagem entre esses dois grupos estudados no que diz respeito às modalidades de percepção dos corpos, dos usos e apreensão dos olhares, assim como das formas de captação e aproximações do “outro” no interior dessas economias internas subjetivas. Isso significa dizer que procuramos aqui reunir um conjunto de aspectos e mecanismos capazes de ilustrar distintas formas de tradução da experiência da afetividade e suas interações com a dimensão da corporalidade e com novos agenciamentos da sexualidade.

O “FICAR” ENTRE OS JOVENS:

O CONSUMO MATERIAL DO OUTRO COMO LÓGICA AFETIVA

A lógica identitária e afetivo-sexual dominante no universo de jovens que integram as “noites nômades” tem como princípio norteador o “ficar”, enquanto empreendimento fundamentalmente ensaístico, experimental e baseado no assédio “quântico” e material em relação ao “outro”. Nesta configuração afetiva, portanto, saltam aos olhos os mecanismos de necessário engate entre os corpos em direção à fruição ainda que meteórica e fugaz, das sensações provenientes dos beijos, da atração e do consumo material extraídos da ocasião e do momento. Nos regimes que compõem essas novas semióticas afetivas em torno do “ficar”, o beijo assume a condição de performance, de intransitividade, fisicalidade, arma corporal, descarga rápida da emoção. Princípio e fim. Ubiquidade do ato. Corpos atravessam o espaço de forma seriada produzindo a maior acumulação possível de imagens de alto impacto por unidade de tempo e, paradoxalmente, baixa quantidade de informação por unidade de tempo (Sarlo, 2000).

Pode-se observar ao longo de uma pista de dança praticamente vazia, a movimentação de corpos em distintas direções. Meninos e meninas, em um primeiro momento, agrupam-se separadamente. A pista de dança converte-se

temporariamente em arena de corpos que estão se recrutando para “ficar”. Olhares começam a adquirir a consistência da perscruta, do exame indelével dos corpos, eles ocupam a cena e a preenchem. Pulsão háptica e não óptica (Deleuze & Guattari, 1997), pois nessas economias afetivas não se vê de longe, não se vê em perspectiva, não se detém a totalidade. São espaços hápticos, de visão aproximada, que se caracterizam pela variação contínua de suas orientações, referências, junções. São espaços locais de pura conexão. Aqui, o olho, em sua dimensão situada e parcial, conecta e drena todos os movimentos, estratégias de aproximação e captação do outro. No regime do “ficar”, o olhar possui propriedades de economia da ação e da iniciativa. Ele re-espacializa a seqüência subsumida nos tradicionais rituais da corte ou do namoro entre jovens, na medida em que tudo pode se esgotar em sua órbita, prescindindo-se, portanto, da gradação de atos que vão do olhar à sedução, à aproximação e à instalação da conversa.

Geral, rodando. Quando você chega numa mulher, ela já sabe o que você quer, entendeu? Cara, por que ficar gastando tempo, né? É meio assim: você gostou de mim, eu também gostei, vamos ficar, saqualé? É aquela parada, eu pergunto o nome, nem escuto o nome. Se escutar, esqueci. Então, fica assim, ficar só por ficar, sacou? (Pedro, 18 anos)

Termos tais como “guerra”, “chegar”, “pegar”, “atirar”, “partir”, “zoar”, “vazar”, “estalar”, assim como “demorô” e “fui” podem ser aqui identificados a uma visão de mundo, onde imperam os regimes da fisicalidade e da materialidade enquanto formas de aproximação e sociabilidade entre os jovens.

Ir pra night é pegar mulher. Fazer a guerra. ‘Pô, pegou quantas, e tal?’ ‘Peguei quinze, peguei vinte’. (Tomás, 16 anos)

Uma outra variável importante, indissociável na conjugação desses regimes é a coletivização da experiência. O coletivo é atravessado por amplo leque de designações e variações de sentido: “geral tava lá”, “geral descia de bermuda”, “geral pegando carro”, “geral se arrumava e partia”. Além desses acionamentos coletivos, outros mais como: galera, cabeças, nego, malucos, moleques, reclassificam e reordenam cartografias subjetivas, tempos e conjugações verbais, signos de coletivização.

Para os efeitos do que aqui procuramos aprofundar é possível nos referirmos, no âmbito das “noites nômade”, a uma nova dinâmica passional cujo eixo central de funcionamento está direcionado ao consumo inescapável do “outro”. Ou seja, a noite, as boates, as festas e os espaços abertos de

entretenimento inserem-se enquanto tribunas de olhares, gestos e aproximações corporais sempre conducentes aos desfechos da “pegação”, dos beijos seriados, da guerra numérica entre corpos, da performance da imagem continuamente direcionada à captação e ao agenciamento do outro. Tanto o situacionismo generalizado, caracterizador das novas composições do desejo e dos registros passionais, quanto a regência tátil das novas formas de abordagem entre esses jovens reconfiguram espacialidades e temporalidades psíquicas. Essas economias internas, apesar de fortemente comprometidas com a dimensão do grupalismo e do coletivismo, assentam-se sobre o primado do par na administração de seus corpos e na dinâmica afetiva. Apesar igualmente da seriação das experiências e dos afetos, assim como das “sinceridades sucessivas” (Maffesoli, 1996), presentes na eleição volátil do par, é dele, em última instância, que se trata. O corpo se inscreve, nesses contextos, enquanto elemento invasivo na trajetória para a “pegação”, ele é ao mesmo tempo arma, projétil e massa para a abordagem e o assédio.

Neste sentido, é possível acompanhar o interjogo entre olhares, corpos e sensações em seu foco preciso de “solda” e ajuste em relação ao outro. É ele, portanto, a instância afetiva e sexual a ser absorvida pelo eu, ainda que em seus *degradés* de descompromisso e fugacidade. A lógica da gestão da vida afetiva e social fora das pressões de relações duráveis e estáveis – o descompromisso, e a maximização do “rendimento” (Pollak, 1986) presidem economias afetivas que em muito se aproximam de uma espécie de “arquetipo” do estilo de vida dos homossexuais masculinos. Nesta direção, o “ficar”, permite analogias com práticas e circunstâncias vividas pelos sujeitos que são emblemáticas do universo *gay* masculino. Isto é, práticas que “podem ser objeto de cálculos racionais quanto à finalidade, apoiados em uma contabilidade do prazer que tem como unidade de base o orgasmo” (Pollak, 1986), ainda que não seja exatamente deste último que se trate no caso do universo pesquisado.

A EXPERTISE CORPORAL E O DESMONTE DO “PAR” NO UNIVERSO DAS CENAS ELETRÔNICAS

Nossos informantes, integrantes, na expressão nativa da cena moderna, ou da cena eletrônica mais abrangente, alteram de forma significativa certas formações subjetivas e modalidades de estetização da existência, como as observadas no âmbito das noites nômades. A articulação contemporânea entre as cenas eletrônicas e as substâncias sintéticas abre-nos novas perspectivas de percepção do sujeito que devem aqui ser exploradas em contrapartida ao universo das “noites nômades”.

Um mesmo espírito de época, é claro, subjaz a essas manifestações, embora alterando certos termos relativos ao processamento dos afetos, da sexualidade e das gramáticas eróticas (Bauman, 1998) e corporais. Tal espírito possui seu dominador comum no que diz respeito às formações contemporâneas de identidades somáticas (Ortega, 2005), às bioidentidades, ao processo de esvaziamento da dimensão da intimidade e exteriorização da vida subjetiva (Bezerra Jr., 2002), ao privilegiamento incondicional do contexto e da situação – do estar *in acto* – em detrimento da estrutura ontológica do ser (Almeida & Tracy, 2003).

No entanto, os espaços interativos das cenas eletrônicas – dos quais o recurso às substâncias sintéticas se dá de forma corrente – deslocam e alteram significativamente os usos e significados do corpo e sua articulação com a relação com o “outro”. Nestes contextos, o corpo converte-se a um só tempo, em agente e paciente dos cuidados acionados pelos sujeitos em interação. Ou seja, assumindo a condição quase que simultânea de sujeito e objeto, o corpo perde sua conotação de instância conducente à captação e absorção do outro, enquanto objeto de desejo. A “noite bala”, como dizem nossos informantes, não é a “noite caça”, “noite pegação”. Através dessa imagem é possível acompanhar nos circuitos eletrônicos a protagonização particular do corpo enquanto tribuna autônoma e enaltecida de sensações, cultivo de si materializado, foco pontual da convergência de olhares potencializadores de sua própria presença. O olhar aqui não se deixa presidir pelo necessário movimento de busca ou atração magnética sobre o “outro”. Mas, ao contrário, investido de propriedades de vigilância, manutenção e verificação, este olhar tem como meta extrair a medida e o compasso exato da adequação dos sujeitos às cenas, ou à conquista da legitimidade de se “estar ali”. Existe, sem dúvida, nessas cenas, um jogo de atração, mas trata-se de uma modalidade de atração que tem como direção a busca e a coleta de sensações (Bauman, 1998), a extração difusa de fruições estetizantes. Podemos dizer que se trata aqui da instalação de um olhar que é predominantemente *voyeur*, que procura a todo o momento flertar com corpos que fazem as vezes de paisagens, que adornam e complementam a “cena” e seus desdobramentos materiais de sedução e encantamento. Ou seja, ao contrário do que poderíamos supor, a gramática destes olhares não é de natureza disciplinar (Foucault, 1977), ela incide rigorosamente sobre o estatuto da competência, atualização e controle (Deleuze, 1992) permanentes de códigos e sinais que por sua vez são mutantes, flexíveis, ondulatórios. Neste sentido, o outro torna-se alvo predominante de um escrutínio crítico de adequação à cena que é volátil, mole, pastosa e nem por isso menos conducente ao sentimento de “impropriedade” ou “exclusão”. Esses sentimentos,

no entanto, não carregam a marca da hostilidade ou da agressividade, tão comuns entre os jovens adolescentes que integram as práticas do “ficar”. Na cena eletrônica, “impropriedade” ou exclusão são sentimentos conferidos àqueles que ferem princípios de não atualização dos itens responsáveis pelo bem-estar grupal, pela observação dos mecanismos asseguradores das estratégias de pertencimento e de manutenção da coesão grupal.

Acho que as raves têm a ver com um propósito muito tranqüilo. Não tem porradaria, o clima é muito harmônico, muito bom. As pessoas estão ali para ouvir a música que gostam, para ter bons momentos com os amigos. Isso é um fato. Estão ali com um propósito muito bom, você sente isso. (Alexandre, 21 anos)

Neste contexto, a dimensão do coletivo é algo que transcende a natureza meramente física, mecânica e material do contato, assumindo-se enquanto instância essencial de cooperação qualitativa e de suporte e caução para cada um dos sujeitos envolvidos. Em uma palavra, o coletivo é peça-chave indispensável e facilitadora da interação entre substâncias e bem-estar, como nos permite acompanhar o depoimento de Carolina, 20 anos:

Você tem de estar num ambiente agradável para tomar, em primeiro lugar. Para a onda bater bem, você tem de estar num ambiente bom, com pessoas legais, com boas companhias. Aí eu acho que a onda bate muito bem.

Reiterando a importância do bom ambiente das *raves*, permeado por uma atmosfera garantidora do bem-estar – distante de agressões, hostilidades e assédios desagradáveis – Mariana, 21 anos, nos diz o seguinte:

A *rave* é genial! Não é complicado até se você vai sem bala! Se você gosta, se você gosta do som, da música, do artista, de uma festa num lugar aberto onde não vai ter homem chegando em você, onde você não vai ver briga, onde você não vai precisar se embonecar e ficar se mostrando.

A cena eletrônica comporta uma modalidade quase empresarial de agenciamento dos sujeitos, de monitorização dos corpos e dos *settings*, de um cuidado e uma perícia de si, combinados com a perseguição do bem-estar como estilo de vida. Muito além das intenções de afetar ou atrair o outro filtradas pelo desejo e pela sensualidade, tais corpos gravitam sobre seu próprio eixo, enquanto instâncias produtoras de um contínuo cuidado e observância de si. Para os sujeitos em questão, a interação com as substâncias sintéticas promove uma experiência

de acesso e não de escape em suas relações com o mundo e consigo mesmos. Como nos transmitem nossos informantes: “Você está ali como jamais esteve”.

Você não perde a sua consciência, você está ali o tempo inteiro. O seu superego não sai dali. É um bem-estar potencializado. É tudo misturado, na verdade. Estar fritando, derretendo. Quando você está dançando, você absorve a música. É uma doideira. (André, 24 anos)

Esta potencialização máxima da presença provocada pela ingestão de substâncias como o *ecstasy* embasa nosso argumento sobre a diluição da regência do par nas cenas eletrônicas ao mesmo tempo que caracteriza um afastamento da visão de mundo informada pelos movimentos contra-culturais das décadas de 1960 e 1970. Nesses últimos, a evasão e o escape da realidade configuravam-se como princípios norteadores das chamadas viagens lisérgicas. Ao lançarmos mão desta referência comparativa com a década de 1960, nossa intenção é apenas problematizar as formações subjetivas aí compreendidas *vis-a-vis* aos achados de nossa pesquisa naquilo que se refere à dinâmica relacional dos sujeitos com as substâncias e com seus corpos. Essas referências contrastantes auxiliam-nos a qualificar melhor os efeitos contemporâneos das substâncias sobre os processos de *hiperpresença* dos corpos e dos sujeitos nos contextos das cenas eletrônicas.

No interior de tais contextos o corpo assume-se como “protagonista e emblema do *self*” (Le Breton, 1999) diluindo-se o significado e a intencionalidade da “busca do par” em favor de um circuito de sensações, contemplações de performances próprias e alheias e da conquista do rendimento e do prazer pessoais.

Você precisa chegar nas pessoas, você precisa falar, tocar. Agora, eu nunca senti aquele negócio tipo da droga do amor que, eu digo, não é na questão sexual. Tesão em si, não. Eu sinto vontade de abraçar e de tocar e de estar perto, mas não sexo. Sabe? (Laura, 22 anos)

Nas pistas dos clubes *techno*, pequenos grupos-células parecem flutuar, seus componentes oscilam entre momentos de intensa curtição, todos de olhos fechados e outros em que o grupo interage vivamente, tirando fotos em máquinas digitais, rindo muito e tecendo comentários ao ouvido. A composição geral da pista, no entanto, é a dos grupos. Não é uma noite para “pegação”.

Assim, se eu tomo bala eu não caço. Sério, se eu tomo bala eu não caço, eu fico mais preocupado em sentir a música, em dançar, em fechar os olhos e fico dançando feliz. (André, 21 anos)

Todos fruem a noite juntos, alternando-se momentos de maior ou menor espaço para a individualidade e a coletividade. Muitos rapazes são vistos sem camisa suando muito, tanto nas *raves* quanto nos clubes fechados, de óculos escuros, já em clima de “ferveção” proporcionado pelas substâncias.

Em uma de nossas visitas a um clube de música eletrônica, chamou-nos atenção a presença de um grupo de três amigos, duas meninas e um rapaz, que beijavam-se em todas as modulações e arranjos possíveis; primeiro os três ao mesmo tempo, em seguida apenas as duas meninas e também cada uma delas e o rapaz.

Os circuitos eletrônicos resumem, enfim, uma espécie de *ethos* particular tendente ao desmonte da “cápsula” afetiva do grupo de dois, ou da gramática conjugal. Esta última desidrata-se em importância, em favor da busca incessante pela sensibilização dos corpos, dos corpos tornados sujeitos e protagonistas, corpos leves, fluidos e voláteis. Deste modo, a postura corporal, a maneira de andar, de olhar e dançar, bem como as roupas e os acessórios utilizados na composição do visual, tudo isto se converte em índice para um estar no mundo característico de um *ethos* geracional com sua inevitável aporia: ao mesmo tempo dotado de características tributárias de uma configuração social e histórica específica e daquelas pertinentes à juventude como etapa do ciclo de vida.

Constantemente abertos a novas sensações e experimentações orquestradas por um tipo de erotismo livre e flutuante (Bauman, 1998) e por uma receptividade atribuída a processos variados de sedução, os jovens da cena eletrônica desalojam de suas economias internas o primado do sexo como alvo inescapável. Referimo-nos, aqui, por exemplo, a uma espécie de “dispositivo” alternativo à dimensão sexual e que atua para os sujeitos como um princípio de “solidariedade pragmática”, conferindo-lhes algo além da condição da mera soma justaposta dos corpos. Trata-se da *vibe*, espécie de energia telepática que encarna a circunstância paroxística da experiência compartilhada, a consistência “oceânica” de um mesmo estar no mundo. *Vibe* e vertigem manifestam-se aqui de forma quase que indissociável ao longo das experimentações, que fazem do corpo agente – limite do “acesso” e da “presença”. As batidas eletrônicas costumam destacar-se por uma espécie de subversão da cadeia processual entre o fim e o início das músicas. Os corpos entregam-se às batidas das músicas, onde as “quedas” nem sempre são colocadas ao final das mesmas. Mas ao contrário, longos minutos podem se passar sem que se note com clareza a seqüência de começos e términos, exatamente para que, de repente, o ritmo “caia” de uma só

vez promovendo a sensação de absoluta e imprevisível vertigem. Esta estrutura imprevisível da música atua sobre os corpos, aliada às substâncias, produzindo algo como um ser coletivo na pista. É o *fervo* em ato. Ou ainda, a presença quase física da *vibe*.

Você vê uma pessoa dançando e você vê que aquela pessoa está bem, está feliz. É contagiante. Você vê e pega a felicidade da pessoa, e você fica bem de ver a pessoa bem, é um lance engraçado. Se uma pista está boa e está todo mundo vibrando bem, não tem como você não se contagiar. (Laura, 21 anos)

A força e a consistência desta experiência partilhada é de tal ordem que torna possível nos remetermos a uma espécie de memória escondida nos corpos e nas sensações que fazem com que mesmo aqueles sujeitos que não se encontrem sob os efeitos de substâncias protagonizem a presença encarnada da *vibe*. Como se o partilhar simultâneo de inúmeros corpos, quase indissociáveis em sua proximidade, todos se entregando à mesma vertigem, tivesse o poder de potencializar o efeito das substâncias naqueles que as consumiram e de evocá-lo naqueles que em outras ocasiões já as experimentaram. De tal intensidade e volume de estímulos parece se desprender uma massa frouxa de sensações, emanada de todas as partes e convertida em um uníssono mandamento: o do corpo tornado ao mesmo tempo sujeito e objeto, corpo protagonista, tornado hiper-real e hiperpresente pelo atravessar simultâneo da música, das substâncias, dos sujeitos e do ambiente.

A ambiência em torno da qual a *vibe* aflora deve ser cuidada e incrementada, o que envolve a escolha de um espaço onde tudo tenha sido pensado para estimular os sentidos, bem como a montagem cuidadosa de um grupo-célula apto a prover o sujeito, ao longo da festa, ao mesmo tempo de uma espécie de invólucro espiritual de segurança e de uma alegria contagiante, que opera mimeticamente produzindo e sustentando a *vibe*.

A estrutura deste grupo-célula delineia-se como uma espécie de equipe. Não se pode aportar na cena sozinho, mas nem por isso o grupo é regido por um imperativo numérico forte. A característica marcante da célula é uma certa cumplicidade entre os componentes. Estes podem desdobrar-se na pista, por vezes esquecendo-se ao som das batidas, ou agruparem-se em abraços-almôndegas. Podem ser vistos trocando beijos coletivos, ou se dispersarem na missão de chegar até o bar para beber algo. A cumplicidade se faz sentir tanto nos momentos da fruição, quando a simples observação dos amigos em festa aumenta a *vibe* de cada componente, quanto nos de eventuais “perrengues”,

quando aquele que precisa de ajuda é prontamente socorrido. A célula, portanto, chega a assumir ares de “ação ente amigos”, um ajudando o outro na tarefa de gerir-se.

A natureza desta dimensão de coletividade transcende, como dissemos, o imperativo numérico, evocando, portanto, algo além da mera soma material das partes. O aflorar da *vibe*, remete-nos a uma economia interna de sujeitos cuja “liga” se estabelece em torno de um mesmo tipo de “estar”, que é condição máxima de priorização nas “cenas”. Extrai-se deste fenômeno princípios de associação que ultrapassam referências estéticas e de mera apresentação de si. A condição mimética em jogo nessas interações nutre-se de um mesmo estar em ato, capaz de conferir novos sentidos à dinâmica do coletivo, assim como a formações subjetivas emergentes que fazem parte de um mesmo fragmento comum ao nosso espírito de época.

MARIA ISABEL MENDES DE ALMEIDA é Doutora em Sociologia pelo IUPERJ, professora do Depto. de Sociologia e Política da PUC-Rio e coordenadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Cândido Mendes (CESAP/UCAM).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda. “Sob a regência da presença: cálculo e autogestão entre jovens consumidores de *ecstasy*”. Comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Antropologia do Consumo, UFF, Niterói, 26 e 27 de Maio de 2004.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia. *Noites Nômades – espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro:Rocco, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. “On Post Modern Uses of Sex”. In: *Theory, Culture and Society. Love and Eroticism*, vol. 15, n. 3-4, Sage Publications, 1998, p.19-33.
- BEZERRA JR, Benilton. “O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica”. PLASTINO, Carlos Alberto. (org) *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. “1440 – O liso e o estriado”. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Volume 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, pp. 179-214.
- DELEUZE, Gilles. “Controle e devir; *post-scriptum* sobre as sociedades de controle”. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LE BRETON, David. *L’adieu au corps*. Paris: Métailié, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORTEGA, Francisco. “Utopias corporais substituindo utopias sociais: identidades somáticas e marcas corporais na cultura contemporânea”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda. (orgs.) *Culturas Jovens e Novas Sensibilidades*. Rio de Janeiro: Zahar (no prelo)
- POLLAK, Michel. “Homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto?”. In ÁRIES, Philippe & BEJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SCHLÖR, Joachim. *Nights in the big city: Paris, Berlin, London, 1840-1930*. Londres: Reaktion Books, 1998.